

# De volta

**Ao cardápio:**

os peixes estão no Velhas.  
Mas dá pra comer?

**Da Expedição:**

de 2003 pra cá, muita coisa mudou. Outras...

**À cena:**

o que faltou nos FestiVelhas

## Miniexpedições

OS RUMOS DA  
DIVERSIDADE NA BACIA



FOTO: MARCELO ANDRE

# 11

A bordo

6

Páginas do nosso diário

Peixes no Velhas

14

É pra ver ou pra comer?

Por dentro

16

A visão de quem estava na água

Perfis

22

Quem encontramos pelo caminho

**PROJETO**  
**MANUELZÃO**  
UFMG

Informativo do Projeto Manuelzão UFMG e de suas parcerias institucionais e sociais pela revitalização da bacia hidrográfica do Rio das Velhas.

Coordenação  
Geral: Marcus Vinicius Polignano  
mupoli@medicina.ufmg.br  
Meta 2010 e NuVelhas: Thomaz da Matta Machado  
Biomonitoramento: Marcos Callisto, Carlos Bernardo  
Mascarenhas e Paulo Pompeu  
Recuperação vegetal: Maria Rita Muzzi  
Mobilização social e educação ambiental: Marcus Polignano e Rogério Sepúlveda  
Comunicação Social: Elton Antunes  
Publicações: Eugênio Goulart e Letícia Malloy  
Centro de Informação e Documentação: Carolina Saliba

Redação e Edição  
Elton Antunes (MTb 4415 DRT/MG), Humberto Santos (MTb 12658 DRT/MG), Anna Carolina Aguiar, Artemis Brant, Filipe Motta, Gabriella Hauber, Jessica Soares, Ketryly Andrade, Pâmila Villas Boas, Stéphanie Bollman, Thais Marinho e Victor Vieira

Diagramação e Ilustração  
Andréa Miranda, Bruna Araújo, Délio Faleiro, Giovana Carraro  
Ilustração capa: Bruna Araújo  
Projeto gráfico: Atelier de Publicidade do curso de Comunicação Social da UFMG, sob a coordenação de Bruno Martins.  
Equipe: Délio Faleiro, Filipe Alonso, Renata Romeiro e Stephanie Boaventura  
Impressão: Esdeva

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados o fonte e o autor. Os artigos assinados não exprimem, necessariamente, a opinião dos editores da revista e do Projeto Manuelzão.

Universidade Federal de Minas Gerais  
Departamento de Medicina Preventiva e Social Internato em Saúde Coletiva  
Avenida Alfredo Balena, 190, 8º andar - sl. 813, BH - MG - CEP: 30130-100  
(31) 3409-9818 www.manuelzao.ufmg.br  
manuelzao@manuelzao.ufmg.br

### PARCERIAS E PATROCÍNIO



### COLABORAÇÃO



51 municípios da Bacia do Rio das Velhas

Comitê da Bacia do Rio São Francisco

# Significados

Caro leitor,

A *Expedição pelo Velhas 2009* passou. Por 30 dias a Equipe do Projeto Manuelzão passou por 21 localidades chamando a atenção das pessoas para a Bacia do Rio das Velhas. Nestes muitos caminhos uma coisa ficou clara: os esforços pela revitalização dão resultados surpreendentes. Talvez o mais simbólico sejam os peixes. Sim, eles voltaram. E não é história só de pescador. É de canoístas, ribeirinhos, estudantes, policiais... Já que os peixes retornaram às águas do Velhas, uma pergunta se torna crucial: podemos comê-los? (p.14).

Como arautos das boas novas e das velhas más notícias, os canoístas chegavam em cada parada com histórias a contar. A visão deles, de dentro d'água, trazemos para você (p.16). Algumas dessas novidades viraram notícias em nossos boletins diários. Outras foram descobertas durante o trabalho em terra (p.6).

A diversidade e os encontros se concretizaram, principalmente, em duas propostas incorporadas no trajeto. As miniexpedições, planejadas ou espontâneas, deram vez e voz para as questões da bacia, mostradas pelas pessoas que estão mais próximas delas (p. 11). Nos FestiVelhas, a riqueza de manifestações culturais esteve presente. Mas ainda assim faltou alguma coisa... (p. 20).

Afinal, a situação da bacia melhorou, piorou ou está do mesmo jeito que na Expedição de 2003? Um pouco de cada (p.18). No percurso encontramos muitas pessoas com histórias a contar. Narramos algumas delas (p.22) e dessa vez não indicamos autorias para as matérias como mais uma forma de agradecer às pessoas que colocaram a Expedição na "rua" (p.5). Boa leitura (e recordações)!

*"Não vale o governador nadar lá na Região Metropolitana [em 2010]. Tem que nadar depois de Sete Lagoas."*

ALBERTO CARLOS TAMEIRÃO, PREFEITO DE SANTANA DO PIRAPAMA, DURANTE A EXPEDIÇÃO 2009

*"Vou me penitenciar e fazer de tudo para que Sete Lagoas entre na linha a partir de amanhã."*

RONALDO JOÃO, VICE-PREFEITO DE SETE LAGOAS, ASSUMINDO A DÍVIDA COM O TRATAMENTO DE ESGOTO, DURANTE A EXPEDIÇÃO 2009



FOTO:WELLINGTON PEDRO - IMPRENSA MG

*"Meu calção tá aí, Apolo. Quero ver o seu! É eu vou comprar pros prefeitos da bacia. Se eles não forem, nós vamos empurrá-los para essa ousadia."*

AÉCIO NEVES, SOBRE O CALÇÃO QUE RECEBEU DO PROJETO MANUELZÃO NO ENCERRAMENTO DA EXPEDIÇÃO 2009

## Cipó

A Prefeitura e todas as pessoas que trabalham na área ambiental do município ficam extremamente constrangidas com o nível da reportagem "Cipó em perigo", na última edição da revista (Página 21). Nunca escondemos de ninguém e assumimos nossa parcela de erro em emitir a declaração de que a atividade estava de acordo com as leis e regulamentos municipais (e estava). O erro foi não ter passado o assunto ao Codema que analisaria o caso mais profundamente e com toda certeza teríamos outro desfecho. A partir do Plano diretor aprovado todas as medidas foram tomadas para anulação deste ato incluindo a denuncia levada ao Ministério Público Estadual pela própria Prefeitura.

Gesner Belisário Jr. e Janaína S. Ferreira, Secretário de Turismo e Meio Ambiente e Diretora de Turismo de Santana do Riacho

## O Projeto Manuelzão

Apreendi bastante coisa com o Projeto Manuelzão. Cuidar do patrimônio histórico é valorizar a natureza. Apreendi que preciso preservar o Velhas, preservar a vida dos peixes e, assim, preservar minha qualidade de vida. Vamos encontrar um jeito, com toda certeza, de ensinar o ser humano a não jogar lixo no Rio das Velhas, a usar a inteligência respeitando a natureza e o nosso Rio. (...)

A equipe do Manuelzão está lutando para que não saia barragem, e nós podemos contar com o apoio deles para que não aconteça, pois Glória tem um pedaço de cada um de nós.

Redação de Paulo Gomes, aluno da 5ª série da Escola Municipal Círia Trindade de Moura. Distrito de Senhora da Glória, Santo Hipólito.

## Erramos

Diferente do que aparece na nota "Cipó em Perigo" (página 21 da edição 51), a empresa Articum pretende fazer extração de diamantes em Santana do Riacho, Santana do Pirapama – não em Pirapora, como informado – e Congonhas do Norte. E a manifestação contra o empreendimento aconteceu em Santana do Riacho, com o apoio da prefeitura, não em Jaboticatubas.

A Prefeitura de Curvelo argumenta que, diferente do que aparece na matéria "Sem tempo, sem espaço" (páginas 24-25 da edição 51), o Núcleo de Artesanato de Curvelo já recebia apoio desde administrações anteriores, e não há pouco tempo, como disse a presidente do órgão, Rosália Soares.



O Projeto Manuelzão recebe cartas, músicas, poesias e mensagens eletrônicas de vários colaboradores. Nesta coluna, você confere trechos de algumas dessas correspondências. Envie também sua contribuição. Participe da nossa revista! revista@manuelzao.ufmg.br



# Travessia

## EXPEDIÇÃO 2009 MOSTRA A REVITALIZAÇÃO DA BACIA E A MUDANÇA DE MENTALIDADE

MARCUS VINICIUS POLIGNANO  
Coordenador Geral da Expedição

Guimarães Rosa escreveu que o importante não é a partida nem a chegada, mas sim a travessia. E que travessia! Por mais que se faça um relato minucioso, ainda seria impossível descrever a riqueza da experiência que foi a *Expedição pelo Velhas 2009 - encontros de um povo com sua bacia*. A começar pela equipe de mais de 100 pessoas, de diferentes áreas do conhecimento, que compartilharam um sentimento único de trabalho coletivo em prol da bacia do Rio das Velhas, consolidando na prática uma idéia de transversalidade e de universalidade.

O que dizer da participação efusiva e efetiva das comunidades da bacia, membros de núcleos e comitês e das escolas que estiveram presentes em todos os eventos, reunindo milhares de pessoas ao longo dos 22 pontos de parada da Expedição? Não podemos deixar de mencionar o apoio do governo do estado, das prefeituras e das empresas.

Os FestiVelhas, com a participação voluntária e vigorosa de movimentos culturais e de artistas, celebraram a vitalidade cultural do povo do Rio das Velhas. As miniexpedições, partindo de diferentes localidades, foram fundamentais para consolidar os encontros de um povo com a sua bacia.

Os sinais de melhoria do Rio das Velhas e do cumprimento das etapas estabelecidas pela Meta 2010 já puderam ser constatados. A principal e mais visível comprovação foi a volta do peixe ao Rio.

Os pescadores relatavam a presença abundante de matrinxãs e dourados. As crianças nadavam na região do médio e baixo Velhas. O povo estava encantado com o Rio. A Meta 2010 já é um sucesso do médio Velhas até o

rio São Francisco, que também é revitalizado recebendo águas mais límpidas.

Consolidamos a ideia de que é possível revitalizar um rio e um povo, e que as águas são capazes de avaliar os resultados das políticas públicas, das práticas ambientais das empresas, da agropecuária e da sociedade. Reafirmamos a ideia de que com saneamento podemos promover a qualidade de ambiente, de vida e saúde.

Redefinimos um território de ação que rompe as fronteiras políticas, administrativas e ideológicas: a bacia hidrográfica. Mostramos que, apesar da degradação ambiental e ética, outra lógica é possível, baseada na solidariedade humana e planetária.

Estamos mudando a história de um rio e de um povo. Estamos tirando o Velhas da categoria de esgoto e requalificando-o na categoria de rio para navegar, pescar e nadar. A revitalização é irreversível.

Mas nós queremos mais! Queremos nadar na Região Metropolitana de Belo Horizonte e para isso se faz necessário melhorar a situação do Ribeirão da Onça, fazer a desinfecção das águas que saem das Estações de Tratamento de Esgoto de Belo Horizonte e o tratamento em Sabará e Sete Lagoas.

As bandeiras da Expedição foram o Planeta Terra e a Meta 2010, representando um compromisso sem fronteiras, que não observa os limites geográficos e envolve propostas de ações em todo o mundo. Que os esforços relativos à revitalização da bacia do Rio das Velhas sejam capazes de desencadear processos semelhantes em outras bacias de Minas, do Brasil e do Planeta Terra. ♦

# Gente nossa

## QUEM MARCOU O CAMINHO DA EXPEDIÇÃO 2009

Muita gente construiu a Expedição. Lembrar de todo mundo é difícil, principalmente dos rostos que, em cada lugar, recebiam os canoístas, assistiam e participavam dos shows, debates e oficinas dos FestiVelhas. Dá para lembrar dos membros do Projeto Manuelzão que fizeram a Expedição acontecer, mas mesmo assim, ainda é arriscado termos esquecido alguém. Mesmo correndo esse risco, resolvemos listar os nomes dos participan-

tes das equipes que compunham a Expedição. A equipe Água, da navegação, a Terra I, que cuidava da logística e da infraestrutura, a Terra II, da Unidade Móvel de Educação Ambiental. Tem também os alunos e professores da Belas Artes e da Física da UFMG, que ofertaram oficinas durante os FestiVelhas. E claro, o pessoal que não fazia parte de grupo nenhum, mas que junto com todos os outros, formaram a equipe da Expedição pelo Velhas 2009.

Alexsander Sousa, Alessandra Rosado, Alu-  
ízio Ferreira, Amanda Cordeiro, Ana Carolina  
Montalvão, Ana Paula Moreira, André da Sil-  
va, Anna Carolina Aguiar, Anna Olivia Andra-  
de, Apolo Heringer, Araquên Fortuna, Árte-  
mis Brant, Bárbara Gonçalves, Bruna Acácio,  
Bruna Caetano, Bruna Marta Ferreira, Bruno  
Assis, Bruno Silva Fernandes, Carlos Bernar-  
do Mascarenhas, Carlos Heitor Fonseca, Carol  
Scott, Carolina Saliba, Cássio Andrade, Ciro  
Lófti, Clarissa Dantas, Cleber Falieri, Dagmar  
Bedê, Daniel Gouvêa, Daniel Neto, Daniel Ro-  
drigues, Daniela Campolina, Danielle Alves,  
David Machado, Déborah Silva, Diego Côr-  
rea, Diego Castro, Diego Contaldo, Dimas da  
Silva, Eduardo Fonseca, Elaine Galetti, Ellen  
Almeida, Elton Antunes, Emmanuelle Miran-  
da, Ener Borba, Erick Wagner, Eugênio Gou-  
lart, Felipe Fernandes, Fernanda de Oliveira,

Fernando Ancil, Fernando Linhares, Fernan-  
do Vieira, Filipe Motta, Gabriela Gomes, Ga-  
briella Hauber, Geraldo Chagas, Geraldo Ma-  
gela Santos, Germán Milich, Gerusa Radicchi,  
Gideone Souza, Gilson de Souza, Gustavo  
Camargos, Gustavo Mendes, Humberto San-  
tos, Igor Ribeiro, Isabella Alves, Janaina Luiz,  
Jandir Santana, Jessica Soares, Joana D'arc,  
Joel Franklin, José Rezende, Júlia Marques,  
Juliana França, Juliana Moreira, Juliana Muc-  
ci, Juliano César, Júlio Amorim, Kele Firmiano,  
Ketrily Andrade, Leandro Durães, Letícia da  
Silveira, Letícia Malloy, Lísia Godinho, Lorena  
Brito, Lorena Dutra, Luana de Sá, Lucas Hen-  
rique Silva, Luisa de Lazzari, Lurdemar Tava-  
res, Lussandra Silva, Marcelo André, Marcus  
Vinicius Gonçalves, Marcus Vinicius Poligna-  
no, Maria da Conceição Bicalho, Maria do Céu  
de Oliveira, Maria Elisa Campos, Maria Rita

Barbosa, Mariana Colares, Mariana Costa,  
Marilene Maia, Myriam Mousinho, Moacir Oli-  
veira, Nelyane Santos, Núbia Barbosa, Olívia  
Resende, Pâmera Mattos, Pâmilla Vilas Boas,  
Paola Teixeira, Patrícia de Lima, Paula Laia,  
Paulo Baptista, Poliana de Carvalho, Priscila  
Santos, Rafael Bernardes, Rafael Salvador,  
Rafaela Amaral, Rafael Alves, Raíssa de Sou-  
za, Raphael Ligeiro, Raquel Versieux, Rober-  
to Rocha, Rodrigo Lemos, Rodrigo Dângelis,  
Rodrigo Sponquiado, Rogério Sepúlveda, Ro-  
nald Guerra, Sabrina Ramos, Samuel Oliveira,  
Saulo Bicalho, Saulo de Albuquerque, Sophia  
Morais, Stéphanie Bollmann, Taís Ahouagi,  
Tarcisio Magalhães, Thaianne Rezende, Thais  
Cristina, Thais Marinho, Thomaz da Matta Ma-  
chado, Tulio Jorge dos Santos, Valquíria Silva,  
Victor Vieira, Viviane da Costa, Wander Ribe-  
iro, Wenderson Pinto.

## Uma vida de sonhos

Em junho, se formaria em Biologia, na PUC-  
Minas, quando apresentasse sua monografia  
no dia 26. Os verbos no passado marcam uma  
triste interrupção. Sophia Morais tinha muitos  
sonhos. Menina batalhadora, lutava por todos  
eles. Depois de uma cirurgia de apendicite,  
teve complicações hospitalares. Sophia faleceu  
no dia 06 de junho. O Projeto Manuelzão está  
de luto. Sophia fazia parte da equipe do Nuve-  
lhas e trabalhava no Laboratório de Ecologia

de Bentos da UFMG. Inúmeras vezes participou  
das coletas de água pela bacia do Rio das Ve-  
lhas e das atividades de educação ambiental do  
Projeto. Durante a Expedição, fez parte da equi-  
pe da Unidade Móvel de Educação Ambiental.  
Quem trabalhou com ela nunca vai esquecer a  
imagem da pessoa amiga, alegre, doce e ilumi-  
nada. Sophia deixa lembranças, amigos tristes  
e o legado do seu trabalho. Deixamos nosso  
apoio à sua família, ao namorado e amigos.



FOTO: JOSELINE MOUTAZI

# Espelho d'água

O QUE VOCÊ ESPERARIA DE UMA VIAGEM PELA BACIA DO RIO DAS VELHAS? NEM SEMPRE O QUE ENCONTRAMOS FOI BONITO DE SE VER

Foram 23 dias de navegação pelo Rio das Velhas. Mais alguns dias até o FestiVelhas Encontros, que fechou a Expedição em Belo Horizonte, em 08 de maio. E o que vimos durante todos esses dias de viagem? Um Velhas bem melhor do que em 2003. Mas também encontramos pelo caminho muitos problemas. Toras de madeiras nativas ao chão. Nas margens, árvores enfeitadas de lixo. E muitas vezes nem elas. Redes de pesca, que camufladas, cortam o Rio. Uma comunidade que pode ficar debaixo d'água. Uma cidade que já está embaixo de nuvens de poluição. Tudo isso registrado em boletins diários e em reportagens para o site do Projeto. Aqui, estão alguns flashes que trazem um pouco do que fomos encontrando. Uma viagem pela Bacia do Rio das Velhas.

ACURUÍ - RIO ACIMA, 12 DE MAIO DE 2009,  
DIÁRIO DE BORDO 04

## LENHA PRA FOGUEIRA?

Erick, um dos canoístas, perdeu seu remo durante o trajeto – “uma coisa imperdoável”, brincaria mais tarde. Pulou do Velhas e correu pela estrada às margens, com a ideia de ser mais rápido que a correnteza e pegá-lo num trecho do rio à frente. No caminho, toras de madeira nas beiras da estrada e um caminhão lotado. Eucalipto. Mas misturado a elas era possível distinguir espécies de mata nativa.

“Há uns quatro meses, mas a gente não vem sempre aqui”. Foi o que respondeu o motorista, desconfiado, à nossa pergunta sobre há quanto tempo faz o serviço. Disse que o caminhão não era dele. Tampouco

que tinha, ali, a autorização do Instituto Estadual de Florestas para o transporte do material. Segundo ele, o destino seria um depósito em Itabirito. “É para carvão?”, perguntei. Silêncio.

Subindo a trilha que parte do amontoado de toras chega-se a uma clareira, com velhos eucaliptos reduzidos a tocos. É possível ver árvores nativas cortadas.

A equipe do Manuelzão repassou o ponto do possível flagrante para a Polícia Ambiental. As localizações geográficas da área, por base UTM, são 0643876 e 7156530. Para ficar mais fácil, é perto da Estrada de Engenho d'Água à Glaura, distrito de Ouro Preto. Perto da ponte sobre o Velhas. A apurar.

Após a denúncia do Projeto Manuelzão, a Polícia Ambiental patrulhou a área e constatou que realmente não havia autorização para o desmate do local. O autor da atividade foi autuado e vai responder a processo.

FOTO: MARCELO ANDRÉ



Quem diria que um remo renderia uma denúncia. Não entendeu? Leia a matéria *Lenha pra Fogueira*

FOTO: LUISE MOTTA



## HONÓRIO BICALHO - SABARÁ, 14 DE MAIO DE 2009, DIÁRIO DE BORDO 06

### PODE OU NÃO PODE?

Faixas de apoio ao Projeto junto às atividades da Expedição em Honório Bicalho, distrito de Nova Lima, eram comuns. Mas uma chamou mais atenção que as outras. Ela continha os seguintes dizeres: “Os Tiradores de areia de Honório Bicalho apoiam a Meta de 2010”.

“Isso aí é porque a Polícia não quer deixar a gente tirar areia. A gente não está estragando o meio ambiente, as árvores, não está desbarrancando, nem nada”, conta Márcio Keller Freitas, 37, morador do distrito e uma das pessoas que retiram areia no Velhas. Ele extrai o material há mais de 15 anos e estima que cerca de 10 famílias vivem ou complementam a renda com a extração. A areia é retirada com um barco e um “coador”. A “ferramenta” é formada por

uma vara de uns três metros, com um saco de linhagem na ponta. Os tiradores de areia levam o saco até o fundo e o suspendem. Após a água escorrer, despejam a areia no barco e levam até a margem. Uma manhã de trabalho rende cerca de oito metros cúbicos de areia. E cada metro é vendido por R\$ 15.

A expectativa dos tiradores é que o Projeto Manuelzão entre no debate para que a extração seja liberada. De acordo com a legislação, para extrair areia é preciso de licença do Departamento Nacional de Produção Mineral e dos órgãos ambientais. O revolvimento do fundo do rio causado pela extração de areia aumenta a turbidez da água, dificultando a entrada de luz, sem contar que pode expor resíduos antigos de mineração. Sem dúvida um debate que precisa ser feito.

Embora os tiradores de areia afirmem que suspenderam suas atividades devido à fiscalização da Polícia Ambiental, eles continuam trabalhando no Rio

## SABARÁ - SANTA LUZIA, 15 DE MAIO DE 2009, DIÁRIO DE BORDO 07

### LADEIRA ABAIXO

“Nós descemos de Honório Bicalho até aqui e ficamos assustados. Em 2003, não era assim”. Foi o que os canoístas contam ontem, na manifestação pública em Raposos. As margens do Velhas estão salpicadas de lixo. Galhos de árvores “enfeitados” com sacolas plásticas. “O antigo lixão do Galo Velho está sangrando para dentro do Velhas”, explica Roninho.

O lixão, já desativado, fica no município de Nova Lima e era o destino dos resíduos desta cidade e também de Raposos

e Rio Acima. Ele funcionou por mais de 20 anos. Em 2001, a prefeitura foi notificada pela Fundação Estadual de Meio Ambiente e, então, as atividades do local foram paralisadas. A área foi tampada com terra. Atualmente, o lixo dos três municípios vai para o aterro sanitário particular da Vital Engenharia, em Sabará.

Mas pelo visto, os problemas com o lixo não acabaram com o fechamento do lixão. Recentemente, os resíduos desceram e uma enchente espalhou-os pelas margens, pela calha, pelas árvores. A cobertura do lixão não estava estabilizada. De acordo com a secretária de meio ambiente de Nova Lima, Cátia Gusso, o local era muito próximo da margem e, com as chuvas, os resíduos acabaram caindo no Rio.

Por enquanto, pouco foi feito para resolver o problema. O secretário de meio ambiente de Raposos, Felipe Cabral, disse que a prefeitura vai procurar Nova Lima para ver que medidas podem ser tomadas em conjunto. Cátia afirmou que Nova Lima iniciou obras para tentar amenizar o impacto, mas elas estão paradas. “Não dá para tirar o lixo, porque é muito e também por causa das chuvas. Seria muito pior tentar mexer nos resíduos”, explica.

O lixão desativado de Nova Lima foi vistoriado no dia 09 de Junho pela Fundação Estadual de Meio Ambiente e foi constatado que resíduos desceram mesmo para o Rio das Velhas. A Prefeitura de Nova Lima foi autuada. A assessoria de comunicação da Prefeitura informou que está em andamento a avaliação para a realização da proposta de contenção dos resíduos na área.

As águas da chuva levaram para as margens do Velhas o lixo do morro do Galo Velho, lixão desativado de Nova Lima

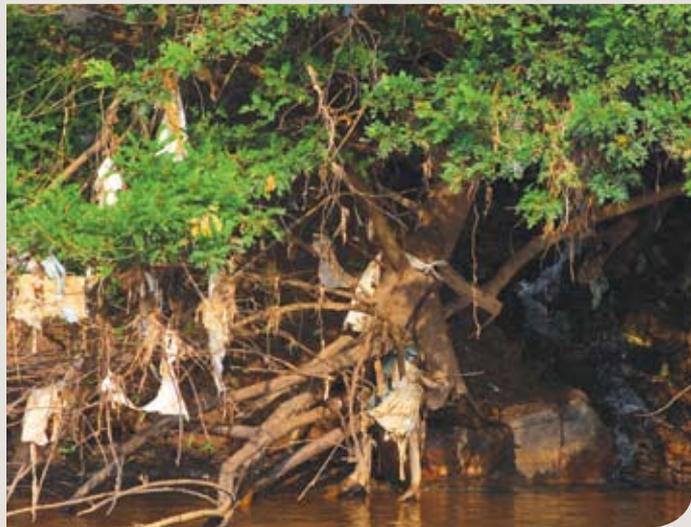


FOTO: MARCELO ANDRÉ

À esquerda, área de mata ciliar recuperada. Na outra margem, o ponto das novas intervenções, nos limites entre Belo Horizonte e Sabará

FOTO: FILIPE MOTTA



**SANTA LUZIA, 16 DE MAIO DE 2009,**  
**DIÁRIO DE BORDO 08**

### NA BEIRA

As matas próximas ao Rio, por vezes frondosas no início da Expedição, no atual trecho do Velhas são escassas. Outra coisa aparece em seu lugar: a erosão das margens. De Sabará a Santa Luzia esse fenômeno se intensifica. Uma das frentes de pesquisa do Projeto Manuelzão tem sido buscar formas de recuperar essas áreas degradadas em pontos críticos da bacia.

Ontem, os canoístas fizeram paradas em dois trechos em que essas intervenções têm sido feitas. Na divisa entre Belo Horizonte e Sabará, próximo à ponte da BR 381, uma área de 90 metros de margem do rio em linha reta, já recuperada, agora ajuda a conter as águas das cheias do Velhas. Na outra margem desse mesmo trecho, do lado belohorizontino, outra intervenção começa a ser feita. É uma área de 150 metros lineares de talude, próxima a casas ameaçadas de serem engolidas pelo Rio.

As matas ciliares reduzem a velocidade com que a água avança e vai para fora do Rio, impedindo problemas com o solo do lugar e, indiretamente, o assoreamento do rio. É o que explica a professora do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG e pesquisadora do Manuelzão, Maria Rita Muzzi, que coordena o trabalho. Já há outros pontos recuperados. Como em Taquaraçu de Minas, próximos a três nascentes, e em Santa Luzia. Aqui as intervenções foram feitas próximas à ponte onde os canoístas desceram ontem. Em pouco mais de um ano, um grande buraco deu lugar a um trecho em que as árvores já apresentam um tamanho médio. A razão para a velocidade do crescimento é o uso de pequenos microorganismos que aceleram o crescimento das plantas. Quarenta hectares já estão levantados para novas intervenções.

**JÉQUITIBÁ - SANTANA DO PIRAPAMA, 21 DE MAIO DE 2009,**  
**DIÁRIO DE BORDO 13**

### A CAMINHADA NÃO ACABOU

“Se todo mundo está tratando o esgoto, Sete Lagoas vai continuar sem tratar?”, questionou o coordenador do Projeto Manuelzão, Marcus Vinícius Polignano, durante a recepção de alunos que promoveram uma caminhada por Sete Lagoas. Em alto e bom tom todos gritaram: “Nããããoo”.

Segundo o secretário municipal de meio ambiente, Lairson Couto, apenas 3% do esgoto da cidade é tratado. Os restantes 97% são lançados nos córregos Tropeiro e Matadouro. O esgoto cai na rede fluvial e chega na Lagoa Paulino, o que explica sua crescente eutrofização. O cheiro desagradável em algumas partes da cidade é perceptível.

Belo Horizonte é considerada a maior poluidora do Rio das Velhas, Sete lagoas é a segunda. Quando a Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Onça, na Capital, passar a fazer tratamento secundário, Sete Lagoas vai assumir o primeiro lugar na poluição.

Durante o debate as cobranças foram muitas. “Sete Lagoas não assumiu essa meta. Aqui vivemos de água mineral. Não temos um centavo para tratar do esgoto e rejeitamos em 2007 a proposta da Copasa, para ficar com uma autarquia politiqueira [Saae - Serviço Autônomo de Água e Esgoto]”, manifestou Leonardo Barros, morador que estava na platéia.

Após a fala, a polêmica se instaurou. Lairson justificou que a Prefeitura não tem recursos para a construção de ETEs para o tratamento de esgoto. Existe um projeto para a implementação da ETE Matadouro, que está orçada em 50 milhões. Além disso, cobrou apoio do Manuelzão e da Semad para conseguir recursos junto ao Governo Federal. O idealizador do Projeto Manuelzão, Apolo Heringer, lembrou que o governo estadual apoiou Sete Lagoas oferecendo 100 milhões para que a Copasa realizasse o tratamento. A Prefeitura de Sete Lagoas preferiu continuar com o Saae.

**SANTANA DO PIRAPAMA - PRESIDENTE**  
**JUSCELINO - CURVELO, 22 DE MAIO DE 2009,**  
**DIÁRIO DE BORDO 14**

### CAÇA ÀS REDES

Entramos no rio. Fui no barco da Polícia Ambiental. Água é marronzinha e mata ciliar, coisa rara de se ver. Paisagem homogênea onde predominam o capim bravo e as pastagens. Sem mata ciliar e com as chuvas, os barrancos vão para o rio.

Encontramos a primeira rede na região conhecida como Vila de Vera Cruz. Não tem peixe. Não sabem o proprietário, por isso não podem autuar. O jeito é sair pelo rio catando redes que estão camufladas, para dificultar a fiscalização, em inocentes garrafas pet que boiam pelo Rio ou em pequenos pedaços de isopor.

Pouco à frente os canoístas encontraram outra rede com curimatã. Ainda vivo, o soltamos. Com o

Numa operação de fiscalização rotineira, a Polícia Ambiental chega a capturar cerca de 200 redes. No dia 21 de maio, foram 30



FOTO: PÂMILA VILAS BOAS

fôlego comprometido, o peixe demorou a conseguir nadar. Itamir Rogato conta que trabalha na Polícia Ambiental há 21 anos e que é comum nessa região encontrar redes. Antigamente com tilápia, hoje com dourado e curimatã.

Mais redes em meio a um cardume de peixes mortos – o cheiro era tão forte que o vômito me impediu de fotografar. Ao todo foram mais de trinta. Os canoístas acharam outro curimatã. O peixe estava ferido, todos sabiam que ia morrer. Rafael o colocou dentro do barco. “Só vai comer curimatã a equipe água”, brincou.

Descemos dos barcos na fazenda do seu Daniel. Nesse ponto os navegadores pegaram os caiaques. Roninho levou o peixe e pediu para a mulher do dono da fazenda fritar. Depois de comer um pedaço, pensei: “Será que faz mal comer peixe do Velhas?”. Todos estavam ansiosos para experimentar. Nem os canoístas saíram para a recepção em Santana do Pirapama, antes de provar do peixe. Estava delicioso.

## SANTANA DO PIRAPAMA - PRESIDENTE JUSCELINO - CURVELO, 22 DE MAIO DE 2009, DIÁRIO DE BORDO 14

### ATERRO? ONDE?

Nem controlado, nem sanitário. Santana do Pirapama não tem aterro. O lixo do município vai para outro lugar. Para um lixão fedorento, cheio de urubus, restos de bichos mortos e tomado por uma fumaça preta. Sim, o lixo é queimado e o chorume acaba chegando aos rios. O prefeito Alberto Carlos Tameirão diz que não é a Prefeitura que queima o lixo, e sim os catadores.

O prefeito diz também que já há um processo de construção de um aterro controlado, que será em local adequado, longe da calha do rio. “Já entramos com o processo de licenciamento ambiental e com o projeto na Secretaria de Desenvolvimento Rural e Urbano”. O prefeito garante que até outubro desse ano o aterro já deve estar pronto. Segundo ele, tem dois anos que a Prefeitura entrou com o pedido de recursos.

A Fundação Estadual do Meio Ambiente

Olhe bem. Esse é o lugar para onde vai todo o lixo de Santana do Pirapama

(Feam) já sabe do lixão e em 2006 a Prefeitura recebeu um auto de infração. Porém, o auto é apenas uma advertência, não tem o poder de fechar o lixão. E segundo a Feam, a Prefeitura não apresentou defesa. Mas a Prefeitura diz que apresentou sim a defesa.



FOTO: GABRIELA HAUBER

## CURVELO, 23 DE MAIO DE 2009, MATÉRIA VEICULADA NO SITE

### NO ÚLTIMO VERÃO

De um lado, casas bem cuidadas. Do outro, lotes vagos, mas cheios de sujeira. A combinação se repete nas ruas do centro de Curvelo. A chuva somada ao lixo desses terrenos tem um resultado negativo. Mais água acumulada, mais focos do mosquito da dengue.

“Todo mundo pegou dengue. Eu, meu marido, minha nora, minha vizinha, a moça que mora ali embaixo”, conta Heloísa Helena, moradora da região central. Não foram só eles. Nas mesas da Secretaria de Saúde, pilhas de papéis. São as notificações de quase 2500 suspeitas de dengue no último período de chuvas – o triplo dos casos confirmados no verão passado.

A justificativa do aumento, segundo a coordenadora do setor de epidemiologia da cidade, Denise Vilela, foi o volume de chuva acima da média. Para combater a epidemia, o poder público adotou medidas como visitas domiciliares, capacitação e campanhas educativas. Além da prevenção, foi necessário o fumacê – considerado tratamento de choque. Heloísa reclama que as ações do governo não dão conta da fiscalização dos lotes e construções abandonadas, focos da doença.

## SENHORA DA GLÓRIA - SANTO HIPÓLITO, 25 DE MAIO DE 2009, DIÁRIO DE BORDO 17

### DAQUI NÃO SAIO, DAQUI NINGUÉM ME TIRA

“Não se pode afogar a história de um povo às margens de uma ambição”. Era isso que dizia um painel produzido pela comunidade e pendurado no Centro Comunitário de Senhora da Glória, distrito de Santo Hipólito. Ontem aconteceu lá um debate sobre a barragem que pode vir a ser construída na região, inundando parte dos municípios de Santo Hipólito, Curvelo, Inimutaba, Presidente Juscelino e Gouveia.

Imagine afogar toda a história de uma cidade? Tia Onília de Alcantra, 80 anos, nascida e criada na região, não consegue: “aqui estão enterrados meus pais, meus parentes, meus filhos. Eu não amolo ninguém, ninguém me amola. Eu gosto de todos e também sou querida”. Imagine então se, junto com o distrito, todo o trabalho de revitalização do Velhas também fosse por água abaixo? Uma barragem impediria a subida dos peixes para reprodução e ainda poderia criar um lago poluído e sujeito à eutrofização, ou seja, grande proliferação de algas, já que elas se dão bem em ambientes de água parada.

A desculpa da construção da barragem é a produção de energia e a regularização da vazão da água, possibilitando a transposição das águas do Velho Chico. Mas a energia gerada não seria assim tão grande. Não faz sentido construir uma barragem que não vai beneficiar ninguém e ainda vai atrapalhar a vida de muita gente. Pelo menos, foi essa ideia que ficou para as cerca de 100 pessoas que presenciaram o debate e saíram gritando não às barragens.

### SAÚDE NA FULIGEM

Basta chegar à cidade para perceber. De longe já se vê a nuvem de poluição. A fumaça sai das torres das indústrias e corta o céu azul de Várzea da Palma. Na cidade, estão presentes três grandes empresas. Às margens do Velhas, uma delas despeja seu esgoto no Rio e solta no ar a fuligem sem tratamento. Na cidade, também não há nenhum tipo de monitoramento de qualidade do ar.

Toda essa poluição prejudica, e muito, a comunidade. Os moradores relatam que há muitos problemas de saúde. Mas, com medo, não nos dão entrevistas. A maior parte dos moradores trabalha nessas indústrias. Médicos da cidade, que não quiseram ser identificados, afirmam que a grande maioria dos atendimentos, principalmente das crianças, são referentes aos problemas respiratórios, como a bronquite. Eles explicam que o clima seco da cidade já seria prejudicial e a poluição agrava ainda mais a situação.

Procuramos a Secretaria Municipal de Saúde em busca de números de atendimento de pacientes com problemas respiratórios. Ao solicitar, a resposta que recebi da atendente foi:

– Não temos esses dados, eles pertencem a cada unidade de atendimento.

– Você poderia me passar o endereço de uma delas?

– Peraí. [Procurou em uns papéis] Ah, nós não temos não.

– Mas como assim? A Secretaria Municipal de Saúde não tem o endereço de seus postos de atendimento?

Após um momento de silêncio:

– Espera um pouquinho.

Ela entra em uma sala e avisa que os dados são sigilosos e apenas com uma solicitação do Reitor da UFMG poderia ter acesso a essas informações. Enquanto eles ficam em silêncio, a saúde das pessoas continua em risco.

### SOBRE O CALÇÃO E O TRIO ELÉTRICO

“Meu calção tá aí, Apolo. Quero ver o seu! E eu vou comprar pros prefeitos da bacia. Se eles não forem, nós vamos empurrá-los para essa ousadia”. Rindo, foi assim que respondeu o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, ao presente entregue pelo Projeto Manuelzão na cerimônia de abertura da Semana do Meio Ambiente. O presente? Um calção azul para que Aécio possa pular, em 2010, no Rio das Velhas em sua passagem pela Região Metropolitana de Belo Horizonte. Promessa feita pelo próprio governador quando assumiu a Meta 2010, de navegar, nadar e pescar no Velhas, como Projeto Estruturador de Minas Gerais.

No evento, que aconteceu no Palácio da Liberdade, às 11 horas, vários projetos e propostas ambientais foram lembrados e homenageados. A *Expedição pelo Velhas 2009* foi uma delas. O idealizador do Projeto Manuelzão, Apolo Heringer, e o coordenador da Expedição, Marcus Vinícius Polignano, falaram sobre o que viram nos 30 dias de descida pelo Velhas.

Apolo afirmou que a Copasa fez o seu dever de casa no tratamento do esgoto, mas que Nova Lima, Sabará e Sete Lagoas ainda precisam cumprir seu papel. A essa cobrança, Aécio respondeu que o Governo se compromete em realizar ações específicas com esses municípios.

Apolo ressaltou ainda a importância de três fatores para a revitalização do Rio das Velhas. Enquadramento do Velhas em classe dois, que permite nadar e pescar. Desinfecção dos ribeirões Arrudas e Onça, ou seja, eliminação de todos os agentes patogênicos, causadores de doenças. E a não construção de barragens, já que os barramentos podem comprometer toda a revitalização do Velhas. “Ninguém tem direito de matar o rio, porque não foram vocês que o fizeram!”, destacou Apolo, durante seu discurso. ●



Sem monitoramento, fumaça de indústrias em Várzea da Palma pode causar danos à saúde



Leia mais no site da Expedição 2009:  
[www.manuelzao.ufmg.br/expedicao2009](http://www.manuelzao.ufmg.br/expedicao2009)

# O que nem todo mundo viu

MINIEXPEDIÇÕES ACONTECERAM EM VÁRIOS CANTOS DA BACIA DO VELHAS

A bacia é diversidade. Para dar espaço a todos, foi incentivada a organização de pequenas expedições, como parte da *Expedição pelo Velhas 2009*, que tratassem da realidade de cada região. Pessoas mobilizaram e reuniram mais gente e esforços. Depois escolheram um tema central, fizeram um percurso e entregaram um objeto que simbolizou a experiência para ser guardado na Arca da Expedição. Algumas surgiram de última hora. Professores que guiaram seus alunos, pessoas simples que se juntaram na beira do rio. Quem quis ser expedicionário não precisou fazer viagem, bastou querer sair do lugar. As miniexpedições contaram suas histórias e revelaram seus próprios personagens. Foram, às vezes, tão espalhadas que é impossível falar de cada uma. Mesmo não citadas, as próximas páginas são para todas elas.



FOTO: JESSICA SOARES

## Quem vem lá?

Quem esperou na ponte de Santo Hipólito sobre o Velhas no dia 24 de maio para ver a chegada dos canoístas Erick, Rafa e Roninho se surpreendeu ao reparar que não vinham sozinhos. Junto com eles estavam três membros da Associação de Condutores Ambientais e Montanhistas da Serra do Cipó, da miniexpedição *Cipó Vivo*. Com a idéia de mobilizar a comunidade da bacia do Cipó em sua defesa, saíram da Serra e percorreram 100 dos 240 quilômetros do rio até encontrar com os canoístas na foz do Paraúna, rio onde deságua o Cipó, e descer o Velhas juntos até onde eram aguardados com muita música e festa.

**PARA A ARCA:** relatório dos Curiós, grupo de educação ambiental de jovens, em parceria com o Parque Nacional do Cipó

Por causa da miniexpedição *Cipó Vivo*, Santo Hipólito recebeu canoístas em dobro

## Fonte d'água

O nome da miniexpedição organizada pelos membros do Subcomitê da Bacia do ribeirão Macacos reflete bem a forma como vêm a região: *Produtores de água*. Não, eles não vendem água mineral. É que a sub-bacia tem mananciais que abastecem a Grande Belo Horizonte. Há mais de um ano, membros do Subcomitê têm feito caminhadas pela sub-bacia para motivar a preservação das águas. Para esta Expedição, o percurso escolhido foram os 14 quilômetros da estrada que liga Honório Bicalho à BR 040. Ela está sendo pavi-

mentada para dar acesso a um futuro parque industrial na área. Com as obras, a água carrega resíduos para o Macacos, já muito impactado pelas mineradoras ao seu redor.

**PARA A ARCA:** um pedaço de canga, formação mineral típica da área. Presente no alto das montanhas mineiras, ela é propícia à infiltração da água das chuvas.

## De surpresa

E quem não marcou data e horário para a miniexpedição? Não teve problema. Muita gente só saiu aos 45 do segundo tempo. O pessoal da miniexpedição *Queremos Navegar* achou boa a idéia dos canoístas que desceram todo o Velhas. Os três miniexpedicionários colocaram os remos para trabalhar e percorreram oito quilômetros entre Raposos e Sabará. Naquele trecho, o Rio está em más condições principalmente por causa do esgoto doméstico. Já os alunos da Escola Municipal Geraldo Costa fizeram discussões em sala de aula sobre a construção da barragem em Santo Hipólito. A miniexpedição *Dos Afluentes ao Gigante* ainda pretende fazer uma caminhada nas margens do Rio Pardo Pequeno, na região do médio Velhas.

**PARA A ARCA:** para quem tem o nome de *Queremos navegar*, nada melhor do que um remo. As crianças da Escola Geraldo Costa deixaram a miniatura de um monjolo de madeira, utilizado para moer grãos.

## Duas em uma

Nem bem saiu do Parque das Águas, no Barreiro, o córrego Clemente se espreme entre as ruas e já é contaminado por esgoto e lixo. Longe dos olhos e debaixo do asfalto, ele se encontra com o Jatobá, onde formam o Ribeirão Arrudas. O cheiro horrível e o som animado da viola de Geraldo Amâncio acompanharam os expedicionários por quase todo o ribeirão. Avenida Tereza Cristina, dos Andradas, Parque Municipal, Estação de Tratamento de Esgoto Arrudas e foz com o Velhas em Sabará. A miniexpedição *(Re)conhecendo o Arrudas* teve duas etapas. O início foi a caminhada no dia 3, antes da abertura oficial da Expedição. E só terminou no dia 15 de maio, em um encontro de expedicionários, representantes de núcleos e o grupo Meninas de Sinhá com os três canoístas que seguiam rumo ao São Francisco.

**PARA A ARCA:** estandarte feito pelos moradores de rua que participam do Projeto Caminhantes do Parque Municipal de BH, uma muda de ipê e um quadro com imagens de pessoas e rios.

## Preservar a história

Deixaram pra lá os métodos “convencionais”. Ao invés de internet ou telefone, a divulgação foi no boca-a-boca. Funcionou. Com o objetivo de discutir a relação das Unidades de Conservação com as bacias hidrográficas do Ribeirão da Mata e com as águas subterrâneas do Carste, a miniexpedição *Peter Lund* não ocorreu em um dia só. Muitas pessoas participaram dos eventos que aconteceram ao longo de quatro dias. Incluíram visitas às recém-inauguradas trilhas do Parque do Sumidouro e uma caminhada em Matozinhos com cerca de 70 pessoas, entre representantes do governo estadual e estudantes.

**PARA A ARCA:** uma escultura feita com a típica pedra de Lagoa Santa, extraída na região para destacar o patrimônio arqueológico. Com cor amarelada característica, a peça reproduz o desenho rupestre, que possui entre 3000 e 7000 anos, de dois cervos e um peixe.

## Para o rio nascer feliz

A nascente e as cachoeiras do Ribeirão da Prata andam ameaçadas. Quem mostrou isso foi a miniexpedição *Gandarela: serra, água e vida*. Segundo o coordenador do Subcomitê Caeté/Sabará, Ademir Martins, um projeto de exploração de ferro pode poluir o ribeirão com resíduos minerais. Os expedicionários fizeram visita às nascentes e têm reivindicações: defendem a criação de um comitê para a bacia do Ribeirão da Prata e de um parque que preserve as águas da região, cercadas pela Serra da Gandarela e Mata Atlântica.

**PARA A ARCA:** vídeo e apresentação de fotos que mostram o que ainda pode ser preservado.

## “Miniexpedicionários” da Onça

Dois ônibus lotados de crianças vestidas com camisetas idênticas. Parecia uma excursão de colégio, mas era muito mais. A miniexpedição *Conhecer para revitalizar*, da Sub-bacia do Ribeirão da Onça, reuniu quase 70 crianças de dez escolas municipais de Belo Horizonte e Contagem. Elas visitaram a Estação de Tratamento de Esgoto do Onça, a Estação de Tratamento de Águas Fluviais Pampulha, córregos da região e o Parque Nossa Senhora da Piedade, inaugurado há menos de um ano. A principal discussão foram os desafios para deixar a Bacia do Onça mais limpa. Em clima descontraído, as informações vieram aos montes: lixo, poluição, esgoto e preservação dos rios. O percurso também incluiu passagem na Cachoeira do Onça: uma queda d'água perdida em meio a tijolos e concreto no bairro Novo Aarão Reis. Intrusa na paisagem urbana da capital. Ou seria o contrário?

**PARA A ARCA:** carta do Subcomitê da Onça, estandarte do Núcleo Brejinho, além de cartazes e trabalhos manuais com reciclados feitos nas escolas da Bacia do Onça.

Todos ficaram de olhos bem abertos para conhecer o patrimônio natural do Ribeirão da Mata



FOTO: ARQUIVO PESSOAL RICÓDIO DE CASTRO



FOTO: STÉPHANE BOLLMANN

A equipe não foi sempre a mesma, mas os Cavaleiros do Alto Velhas percorreram diversos pontos da bacia

## A galope

De caiaque, de moto, a pé... Ou a cavalo. Essa foi a escolha dos cavaleiros que saíram da Cachoeira das Andorinhas, em Ouro Preto, e percorreram as margens do Rio das Velhas. Em cada ponto, um grupo diferente assumia as rédeas para se encontrar com o restante dos expedicionários: primeiro São Bartolomeu, depois Itabirito, Rio Acima, Nova Lima, Raposos, Sabará e por último Santa Luzia. Foi a miniexpedição *Cavaleiros do*

*Alto Velhas*, articulada com Clubes de Cavaleiros ao longo da bacia.

**PARA A ARCA:** estandarte feito por bordadeiras e voluntários do programa Caminhantes do Parque Municipal de BH, passado de mão em mão pelos cavaleiros que se revezaram durante o percurso.

## Um tal de Langsdorff

Lá pro final de 1824, passou pelas bandas que margeiam o Taquaraçu um sujeito de nome estranho: Langsdorff. Pesquisador, fez diários das suas viagens, que existem até hoje. O que mudou de lá pra cá? O pessoal do Taquaraçu resolveu descobrir. Foram quatro meses de preparação. Estudaram os diários, leram livros para entender melhor a história. A miniexpedição, que recebeu o nome do cientista, percorreu durante dois dias os caminhos por onde ele passou. A idéia é motivar o turismo histórico, ecológico e de aventura. Montadas em seus cavalos, 18 pessoas passaram por fazendas e leram pros donos pedaços do diário antigo que falavam delas. Nas fazendas, fizeram pousadas para comparar como as coisas estavam com o jeito que estão. Antes meio estropiado, o Taquaraçu é hoje um dos mais limpos que caem no Velhas.

**PARA A ARCA:** artigos que representam a região: peças de artesanato da fibra de bananeira e uma broca, bolsa de couro usada por tropeiros. Dentro dela, levantamento botânico, relatórios com mapas e comparativo histórico, além de cartazes e desenhos feitos nas escolas.

## Inimigo Oculto

Por um lado, eles protegem a agricultura das pragas. Por outro, se tornam pragas quando contaminam lençóis freáticos, águas superficiais e o solo. Os pesticidas agrícolas ainda causam problemas de saúde. Esses foram alguns dos pontos levantados pela Miniexpedição *Do agrotóxico à agroecologia* realizada no Sítio Jatozá, em Santa Luzia. E é possível plantar sem usar agrotóxico? É, só que as pessoas parecem ter se esquecido. Pelo menos é o que afirma Roberto Orzil, participante da miniexpedição e produtor rural da cidade. Na região, poucos praticam a agricultura orgânica. Para os expedicionários, mais que falar com os produtores rurais sobre os orgânicos, é preciso também estimular o consumo. A discussão foi levada adiante: propriedades rurais próximas à calha do Velhas foram visitadas pelo organizador da miniexpedição e representante do Núcleo de Meio Ambiente do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) durante a Expedição, Alexander Sousa.

**PARA A ARCA:** certificado simbólico de produção orgânica emitido pelo IMA: *por uma bacia com menos agrotóxicos.* ♦



# Pode fritar?

OS PEIXES ESTÃO VOLTANDO PARA O VELHAS.  
RESTA SABER SE HÁ RISCOS EM CONSUMI-LOS

Os canoístas encontraram alguns curimatás nas redes de pesca e devolveram para água. Um deles, que já estava muito fraco, fritaram e comeram

Tem gente que come sempre, outros de vez em quando e alguns de jeito nenhum. O fato do peixe estar voltando para o Velhas levanta o problema de poder ser consumido ou não. Mas há muita coisa que deve ser levada em conta para definir se o pescado está saudável.

Quem pesca costuma dizer que conhece bem de peixe e faz um exame a olho nu mesmo, para saber se ele está próprio para o consumo ou não. Confere a viscosidade das escamas, se elas estão limpas e brilhantes, se os olhos estão transparentes e ocupando completamente as órbitas. Tem também o exame nas guelras, que filtram a água do rio. Se elas estiverem pretas, o peixe não está saudável. O ideal são as guelras róseas ou vermelhinhas, úmidas e brilhantes.

Só que esse exame a olho nu não é o suficiente. Ele deixa muita coisa passar batido, como a presença de metais pesados e pesticidas. Para determinar exatamente os níveis de contaminação, saber em que medida

eles são prejudiciais e se comer o peixe é um risco ou não, é preciso fazer uma análise complexa, relacionando a contaminação da água e a do pescado. Em geral, esses estudos são raros. Quando há, são em sua maioria voltados para análises de metais pesados. Nesse caso, há uma portaria da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) que determina as concentrações recomendáveis de cada metal.

## ONDE MORA O PERIGO

Os peixes podem se contaminar de várias maneiras. Pode ser por meio dos poluentes, quando os peixes absorvem na água, por exemplo, os metais pesados e pesticidas. Pela cadeia alimentar, quando os peixes se alimentam de outros organismos já contaminados. Pelo manuseio dos pescadores, que muitas vezes lavam os peixes com a água do rio, que pode estar contaminada. E pelas condições de armazenamento do pescado.

Talvez esta última seja uma das formas mais graves de contaminação. “O maior problema é se o peixe não está em boas condições de armazenagem ou passou muito tempo. Geralmente, isso é pior do que a origem do peixe propriamente dita”, afirma Paulo Pompeu, biólogo e pesquisador do NuVelhas (Núcleo Transdisciplinar e Transinstitucional pela Revitalização da bacia do Rio das Velhas). O peixe logo depois de pescado deve ser conservado em gelo, à 0°C. E se for conservar por muito tempo, o ideal é congelar. Ainda há o problema da procedência da água com que o gelo foi feito. Dependendo, a contaminação pode ocorrer ali mesmo.

Quem come peixe contaminado, contaminado pode ficar. Salmonelose, desintéria, cólera, intoxicações e parasitoses são alguns exemplos de doenças que podem atingir quem consome peixes contaminados. No caso dos metais pesados, se acumulados em grandes quantidades no organismo, podem causar até câncer.

O risco existe, mas a população ribeirinha ainda não tem uma posição definida. Alguns ficam com o pé atrás, mas tem aqueles que acabam comendo. Afinal de contas, ainda não se tem notícia de ninguém que morreu por ter comido o peixe do Velhas.

#### “EU COMO, É MINHA CARNE PREFERIDA”

Fiola Duarte, que mora no município de Augusto de Lima, quase na beirada do Velhas, diz que não tem medo de comer o peixe do Rio. Ela conta que tem gente que fala que pode estar contaminado e tal, mas ela come sem problemas e nunca teve nada. E olha que Fiola não entende nem do exame a olho nu, deixa esse trabalho para os pescadores. “Meu negócio é pescar na panela”, brinca.

Os pescadores comentaram com Fiola que “de uns tempos pra cá” aumentou bastante a quantidade de peixes no Velhas e que quase todo mundo da região consome o pescado, mesmo sabendo do risco de estar contaminado. Nenzinha Duarte, que também mora na região de Augusto de Lima, diz que uma vez ela chegou a comer até um que estava “meio tonto” quando foi pescado, o que pode indicar que o peixe estava contaminado. “Pegaram uns meio tontos, trouxeram pra cá, nós comemos e não tivemos nada”, conta. Mas completa dizendo que agora não faz mais isso.

Erick Wagner, um dos canoístas da “Expedição pelo Velhas 2009” e bom entendedor de piscicultura, também come os peixes do Velhas. Aliás, os outros dois canoístas, Rafa e Roninho, e mais pessoas da equipe da Expedição também comeram. Mas com um pouco de cautela: os peixes que comeram eram do baixo Velhas, nos trechos onde Velhas começa a ficar mais limpo por causa dos afluentes que recebe. “O que eu acho, na visão de navegador, é que abaixo de Curvelo o peixe já se encontra saudável. Dá pra reparar na água sendo depurada”, conta Erick.

Todo mundo que comeu passa bem. Erick explica

que fez o tal exame a olho nu para conferir se o peixe estava saudável. “Abrimos os peixes para olhar o que tinha dentro do estômago deles. A gente faz esse exame para detectar mancha, parasita e nada disso foi encontrado”. Se tinha metal pesado, a olho nu não dava para saber. Ele também só representa algum risco se for consumido em grandes quantidades. Mas é bom lembrar que mesmo os peixes que estão nos trechos mais limpos podem estar contaminados. “O problema é que os peixes são migradores, movimentam bastante. Os peixes do rio Cipó, por exemplo, podem ter ficado parte do tempo no Rio das Velhas”, explica Paulo Pompeu.

#### “VOCÊ VÊ MORRER MUITO, AÍ VOCÊ FICA CHEIO DE DÚVIDA”

Na dúvida, Túlio Soares prefere não arriscar. Ele, que mora no médio Velhas, na Fazenda Porteira, perto de Landim, diz que ninguém em casa come o peixe, com medo de pegar alguma doença. Ele tem quase certeza de que estão contaminados porque vê muita mortandade. “A água em si já melhorou. Parando [o peixe] de morrer, eu como”, garante.

Túlio conta que alguns pescam e ainda vendem os peixes. E, quando vão vender, muitas vezes nem falam que pescaram no Velhas ou que teve mortandade há pouco tempo. “Fala que é do Paraúna, São Francisco, Três Marias... E não fala que tem peixe morrendo, senão ninguém compra”. Ninguém nunca morreu, mas Túlio garante que já viu muita gente com dor de barriga.

Isso de ninguém nunca ter morrido é praticamente o que faz com que os ribeirinhos continuem comendo os peixes do Velhas. A justificativa é quase sempre essa. Mas em vários trechos, o Rio ainda recebe muito esgoto, resíduos industriais, chorume, que certamente contaminam os peixes.

Quando eles são fritos ou cozidos, como acontece na maioria das vezes, grande parte dos microorganismos contaminantes se degenera, menos os metais pesados e pesticidas, que podem ficar acumulados na musculatura e vísceras do peixe, que são as brânquias, o fígado e o rim.

#### CALMA QUE AINDA VAMOS PESQUISAR

Nem parar de comer, nem comer demais. Por enquanto o ideal é ter cuidado em relação aos peixes do Velhas. “A posição de cautela deve ser adotada por não sabermos os níveis de contaminação por tóxicos (metais pesados e pesticidas) e por agentes biológicos (bactérias principalmente)”, afirma o biólogo e pesquisador do NuVelhas, Carlos Bernardo Mascarenhas. Fazer essa análise no Rio das Velhas é uma preocupação, até mesmo por causa da Meta 2010. “A gente vai ter que tentar fazer algum tipo de análise de pescado no Velhas, já que uma das nossas metas é pescar na Região Metropolitana”, diz Pompeu.◆



# Eu sei! Eu estava lá...

OS DEPOIMENTOS DE QUEM ACOMPANHOU  
O RIO DAS VELHAS POR QUASE UM MÊS

**F**oram 30 dias de *Expedição pelo Velhas* e várias cidades visitadas. Muito foi percebido, visto e cheirado. Teve coisas mostrando que a limpeza do Rio está acontecendo e agora deve deslanchar. Outras que confirmaram como os moradores estão mais mobilizados com a revitalização da bacia e como são importantes para esse acontecimento. E deu para perceber também que muitas mudanças já aconteceram. Que o Rio está melhor, mas que as ações de revitalização não podem parar. Muito pelo contrário, têm que continuar com força total.

E quem melhor para falar sobre todas essas percepções do que aqueles que estiveram acompanhando por tanto tempo, de dentro d'água, cada meandro do nosso Rio das Velhas? Com a palavra os canoístas Erick, Rafa e Roninho.

## ERICK WAGNER

“O Rio, no início, em São Bartolomeu, apesar de estar em pequeno porte, ainda está preservado. Mais para baixo, mesmo sofrendo com Sabará, Caeté, Nova Lima, Ribeirão Arrudas, Ribeirão da Onça, a gente passa a acreditar na revitalização porque o Rio mostra constante atividade de depuração da água.

Logo abaixo do Onça, por exemplo, a água fica mais parada, a impureza toda depositada no fundo. Mas após o remanso, vem uma corredeira, misturando aquela água de novo. E mais abaixo pude comprovar a presença de várias espécies de aves, principalmente aquáticas, que antes não habitavam ali. As várias espécies e quantidade de aves nos mostram que o rio está melhorando e que o peixe está subindo.

Mais no Baixo [Velhas], depois de Curvelo, você já encontra um peixe mais saudável. Imagina então se nós conseguirmos a desinfecção dos efluentes que caem no rio? Vai ser uma maravilha! É só segurar

um pouquinho para não acontecer a sobre-pesca, pescar os peixes mais que o rio tem capacidade de suprir. Para baixo de Funilândia, chegando em Santa Rita do Cedro, Corinto, a gente vê peixes muito grandes. São matrizes, ou seja, em condição de se reproduzir.

Uma coisa interessante é o seguinte: quando chega um pouco abaixo de Santo Hipólito, a água [do Velhas] fica cristalina. Isso, para o homem, é bom, porque está mais pura. Mas para o peixe não, porque significa ausência de nutrientes na água. Porém, quando ela chega naqueles poços, para baixo de Beltrão, entrando em Lassance, Várzea da Palma, tem locais onde o Rio chega a parar. Ali, sim, o Rio começa a receber nutrientes para o peixe.

A água que está chegando do Velhas para o São Francisco está, visivelmente, ótima para o peixe. Está cheia de nutriente, com a cor ideal. Para o consumo humano eu não posso falar, agora, para o peixe, está jóia.”

Os canoístas, saindo de São Bartolomeu, no Alto Velhas, quando o Rio ainda é estreito e limpo

### RAFAEL BERNARDES

“Acho que [a Expedição 2009] foi uma contribuição da bacia para o Projeto mais do que do Projeto para a bacia. Um bom exemplo são as miniexpedições, para mostrar que tem muitas coisas sendo feitas em outras sub-bacias do Velhas. É uma semente. Uma sementinha que você plantou lá [em 2003] e hoje está colhendo um trabalho realizado. Muitas vezes, a gente chega num local e falam: ‘eu sou Manuelzão! Comecei no ano tal, com não sei quem’. Tem gente que é Manuelzão e a gente nem sabe. E tem quem cuida da natureza que não é Manuelzão. Nunca ouviu falar do Manuelzão, mas faz esse trabalho de preservação.

A mídia também muitas vezes fala do trabalho que a gente está fazendo e a gente passa num lugar e eles estão lá esperando: ‘ah, nós estamos aqui esperando vocês pelo trabalho que vocês fazem, que é um trabalho muito legal. Como que faz para entrar no Manuelzão? Como que faz para trabalhar com isso?’. E perguntando: ‘o que vocês viram? Como é que foi? Que melhora que teve? Porque aconteceu isso? Porque tem gente fazendo aquilo?’.

A gente vê que tem desafio demais, mas muita coisa boa também. Tem muita gente querendo ajudar, o negócio é integrar. Porque, muitas vezes, a gente reúne as pessoas, e poucas falam. A gente chega, fala, dá o recado. Mas e a volta? Tem que ser uma troca. Tem que abrir espaço para todo mundo falar. Tem que ter tempo de um saber o que o outro está fazendo.

Em 2003, muitas vezes era um oba-oba, porque tinha televisão e muita gente que nem estava interessada. Dessa vez não. Eu acho que teve mais gente engajada com o meio ambiente participando da Expedição. Você chegava e tinha pouca gente, mas era gente com representatividade, era muito legal.

Vimos que está todo mundo mais organizado, já sabendo, já tendo suas políticas formadas a respeito dos assuntos. Quer dizer que as pessoas estão crescendo junto com a gente.”

### RONALD GUERRA, O RONINHO

“Em 2003, quando a gente fez a Expedição, quase todo o curso do Rio das Velhas, da nascente à foz, tinha problemas graves. Tinha o abandono da nascente, a extração do quartzito. Um Rio, extremamente poluído, praticamente morto na região metropolitana, e que chegava em Barra do Guaicuí ainda com bastante presença da poluição e, principalmente, de eutrofização. Nós tivemos problemas com algas e presença de aguapé, que é uma planta resistente à poluição.

Agora, a gente pode falar que na maioria do Rio encontramos mudanças significativas. Na nascente, a implantação do Parque das Andorinhas, um programa de reabilitação da área, envolvendo a comunidade extratora de quartzito. São Bartolomeu ganhou uma Unidade de Tratamento de Esgoto. Em cada lugar a gente foi encontrando melhoras.

Mas o que aconteceu? Ficaram alguns pontos para trás. Como a prioridade era a própria despoluição do Rio das Velhas, e o problema era amplo, esses outros problemas passaram um pouco despercebidos. Um exemplo é o lixão de Nova Lima, que não foi reabilitado adequadamente. É o exemplo também dos lugares em que ainda não foi feito tratamento de esgoto. E, principalmente, a degradação que ainda acontece às margens do Rio das Velhas.

O sentimento, cada vez que a gente desce mais para o Baixo Velhas, é que o Rio tem uma capacidade de depuração e que o esgoto ficou para trás. A comemoração é essa, o Rio está vivo. Está vivo e está em festa.

Fazer a expedição novamente, percorrer os 800 quilômetros, trabalhar com a mobilização, com as atividades culturais, significa também uma renovação do ânimo. Isso revitalizou a minha vontade de continuar fazendo esse trabalho.” ♦

Ronald Guerra, Rafael Bernardes e Erick Wagner se preparam para navegar no trecho entre o Arrudas e o Ribeirão do Onça



# Olhar de volta

O QUE FOI FEITO NA BACIA E O QUE APARECEU DE UMA EXPEDIÇÃO PARA OUTRA

De 2003 para cá, o que melhorou? O que continua no mesmo lugar e o que piorou? Levantamos oito pontos críticos para a revitalização da bacia do Rio das Velhas. Alguns deles nem apareceram da outra vez. E nem podiam. Vejam só o caso da pesca predatória, que só é possível devido à volta do peixe ao Rio. Antes, pra fisgar só tinha tilápia e aguapé. Um pé na nossa janta é o esgoto que ainda jorra de Sabará e Sete Lagoas. Outro, é o minério que as gigantescas mineradoras insistem em soprar para dentro do Velhas, assoando o infeliz. Sim, os proprietários de áreas que margeiam o Rio também têm culpa no cartório, ao deixarem as margens peladas. O projeto de recuperação de matas ciliares do Manuelzão apareceu e melhorou alguns trechos críticos, mas é preciso o apoio de quem está do lado da água. Principalmente dos grandes. Ora, pois, vamos às coisas e a outras coisas.



## DISPOSIÇÃO DO LIXO



**ONDE:** toda bacia.

**EM 2003:** a maioria dos municípios possuía lixões.

**SITUAÇÃO:** crítica no lixão desativado de Nova Lima, que despejou lixo no Rio durante as chuvas de verão.

A coleta seletiva chega lentamente aos municípios do alto Velhas. No médio, ainda há problemas de lixões em alguns municípios, como Santana do Pirapama.

**O QUE FAZER:** consórcio de municípios para construção e gestão de aterros sanitários; redução do lixo produzido. Nos pequenos municípios, a implementação de modelos simplificados de coleta seletiva pode dar certo, como o encontrado em Rio Acima, onde há uma coleta para matéria orgânica e outra para recicláveis.

## NADAR NA RMBH



**ONDE:** Região Metropolitana de Belo Horizonte.

**EM 2003:** nadava-se no baixo Velhas, após a foz do Cipó-Paraúna. Na RMBH, o nível de coliformes fecais e poluentes industriais tornava a possibilidade de nadar um atentado à vida.

**SITUAÇÃO:** se o governador Aécio Neves quiser nadar na atual situação do Rio, vai ficar "menos doente" do que se o fizesse em 2003 – devido às melhoras no Arrudas.

**O QUE FAZER:** na RMBH, o tratamento de Sabará e a conclusão das ETE Onça e Arrudas. É necessária a implantação da desinfecção do esgoto nessas mesmas ETEs. Abaixo da Região Metropolitana, o tratamento do esgoto de Sete Lagoas é importante.

## TRATAMENTO DE ESGOTO



**ONDE:** Belo Horizonte.

**EM 2003:** 23% do esgoto da Capital era tratado.

**SITUAÇÃO:** a inauguração do tratamento secundário, que retira a maior parte das impurezas, na Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) do Arrudas, em 2007, é avaliada como a principal responsável pela melhora da qualidade da água do Rio das Velhas. A ETE Onça foi inaugurada em 2006, mas ainda só faz o tratamento primário.

**O QUE FAZER:** implementação de tratamento secundário na ETE Onça, previsto para o final de 2009; desinfecção do esgoto (tratamento terciário, que elimina organismos que causam doenças) nas ETEs Onça e Arrudas: ainda não previsto pela Copasa.



ILUSTRAÇÕES: BRUNA ARAÚJO

## TRATAMENTO DE ESGOTO



**ONDE:** Sete Lagoas e Sabará.

**EM 2003:** sem tratamento.

**SITUAÇÃO:** continua sem tratamento. Com o término da implantação do tratamento da Capital, Sete Lagoas se torna a maior poluidora da Bacia do Rio das Velhas – com efluentes domésticos e industriais. Lá, o saneamento é de responsabilidade de uma autarquia municipal. Também é preocupante a situação de Sabará, com o Velhas recebendo esgoto de seus 120 mil habitantes.

**O QUE FAZER:** construção de ETEs nas duas cidades.

## A VOLTA DO PEIXE



**ONDE:** toda bacia, até a altura de Nova Lima.

**EM 2003:** predominavam tilápias no Velhas – indicadoras de poluição.

**SITUAÇÃO:** com a inauguração da ETE Arrudas, a qualidade das águas do Rio melhorou e, gradativamente, os peixes estão voltando a ocupar a bacia, subindo em direção à nascente. Estão sendo achados dourados, matrinhãs e piasus até próximo de Nova Lima, o que não acontecia em 2003.

**O QUE FAZER:** recuperação de matas ciliares (fonte de alimentação para os peixes) e ampliação do tratamento de esgoto nas cidades da bacia.

## ASSOREAMENTO



**ONDE:** alto Velhas.

**EM 2003:** assoreamento causado pela mineração na região de Ouro Preto e Itabirito, principalmente nos ribeirões Funil e Maracujá.

**SITUAÇÃO:** não há sinal de melhorias.

**O QUE FAZER:** uma pesquisa do NuVelhas, em fase de conclusão, sugere a implementação de mecanismos que façam com que a própria força da correnteza empurre o assoreamento, mas o investimento pode ser alto; outras medidas incluem a recuperação de mata ciliar e, claro, redução do despejo de resíduos, por parte das mineradoras.



## MORTANDADE DE PEIXES



**ONDE:** entre Santa Luzia e Funilândia.

**EM 2003:** frequentes no início do período chuvoso.

**SITUAÇÃO:** durante a Expedição, no trecho entre Santa Luzia e Funilândia foi encontrada uma grande mortandade de peixes. Segundo a Polícia Ambiental foram cerca de 50 toneladas. A mortandade pode ter sido provocada por microorganismos que apareceram pelo encontro da matéria orgânica do esgoto da RMBH com água em baixa velocidade – na região o rio apresenta muitas curvas.

**O QUE FAZER:** melhorar o tratamento de esgotos na RMBH.

## NAVEGAÇÃO



**ONDE:** Região Metropolitana de Belo Horizonte.

**EM 2003:** não havia navegação nem estudos para viabilizá-la.

**SITUAÇÃO:** ainda não há estudos para viabilizar a navegação. Há proposta de navegação turística.

**O QUE FAZER:** estudos para avaliar a profundidade do Rio – batimetria – nos trechos possíveis de serem navegados.

## RECUPERAÇÃO DE MATA CILIAR



**ONDE:** toda bacia.

**EM 2003:** desmatamento intenso a partir de Santa Luzia. Situação mais grave nos trechos da margem esquerda do Rio. Produção de carvão no médio e baixo Velhas.

**SITUAÇÃO:** o programa de recuperação de matas ciliares do Projeto Manuelzão já recuperou pequenos trechos na bacia. Foram investidos mais de um milhão de reais, e há 40 hectares em projeto. Mas, sozinho, o Projeto não dá conta. Ainda há desmatamento para produção de carvão no médio e baixo Velhas. A ausência de mata ciliar ajuda no assoreamento do Rio.

**O QUE FAZER:** é preciso que os proprietários rurais às margens do Rio participem da preservação e invistam na recuperação das áreas degradadas. Talvez seja interessante que eles recebam incentivos do governo para que isso aconteça.



# O que ouvimos e chamamos de silêncio

MESMO COM DIFICULDADES,  
OS FESTIVELHAS DERAM VOZ À CULTURA POPULAR



FOTO: MARCELO AMORÉ

As intervenções da Trupe Gaia encantaram o público dos FestiVelhas

A viola soava, o batuque dos tambores agitava. De um em um a roda ia se formando. Aqueles que já batiam os pés no chão só esperavam um empurrãozinho. O mais corajoso ia para frente do palco. Em alguns minutos, o público se levantava. Nos cinco FestiVelhas organizados durante a Expedição 2009, essa cena foi comum. Dançaram forró, quadrilha, fizeram trenzinho. Mesmo que tocassem maracatu, tinha gente sambando. Podia ser um repente e dançavam de rosto colado. A magia da música é esta mesmo: ser percebida pelo público da forma que o artista não espera.

Magia da música, magia da cultura. A interação foi o ponto forte dos Festivais. As pessoas dançavam com quem não conheciam e o público pôde compartilhar o momento com os integrantes do Projeto Manuelzão. Para uma das organizadoras dos FestiVelhas, Danielle Alves, o trabalho compartilhado durante o período de pré-produção dos FestiVelhas também foi satisfatório. Segundo ela, a programação foi construída juntamente com os artistas para tentar refletir a cultura de cada localidade. O produtor cultural do Manuelzão, Gérman Milich, tem outra opinião. “Não conseguimos fazer um Festival que não tenha alguém que coordena, ensina e aparece. A ideia é

que o FestiVelhas fosse propriedade dos artistas, mas é muito difícil falar para as pessoas que o FestiVelhas não é do Manuelzão”, constata.

Certamente, se o FestiVelhas tivesse o objetivo de contabilizar o público, a empreitada teria sido frustrada. Em Ouro Preto, Santa Luzia, Curvelo, Barra do Guaicuí e principalmente em Belo Horizonte, foram raros os dias em que os FestiVelhas estiveram “lotados”. E quem esperava que na Capital muita gente fosse aparecer se enganou. Com algumas exceções, como o teatro de rua do Grupo Galpão Cine Horto, “Sonho de uma noite de São João”. Quem chegou atrasado para assistir o espetáculo, de sábado, teve dificuldade – as pessoas cercaram todo o cenário. Segundo uma das atrizes do espetáculo, Mariana Arrudas, foi o maior público da temporada.

“O objetivo dos FestiVelhas não é trazer massa e sim multiplicadores”, explica Danielle. Segundo ela, nunca houve a pretensão de ter público grande durante os shows e sim pessoas que compartilham da proposta de valorizar a cultura popular e revitalizar o Velhas. Ninguém mais antenado do que os próprios integrantes do Projeto, o que explica a predominância de camisetas vermelhas da organização nas rodas de dança. “Poderíamos

ter mobilizado mais o público, mas a equipe foi pequena e o prazo curto”, explica.

## OS BASTIDORES

Se o foco da Expedição 2009 foi a bacia e a relação das pessoas com o Rio, e se a relação das pessoas com o local em que vivem é uma das definições da tão usada palavra cultura, isso significa que os FestiVelhas foram a principal estratégia de mobilização. Certo? Nem tanto. Danielle Alves acredita que o Projeto Manuelzão esteve focado na Expedição pela calha do Rio e não pôde dar suporte aos FestiVelhas. Como a Expedição englobou duas grandes propostas, foi preciso priorizar. E os olhares preferiram se ater aos caiaques. Para Danielle, todos os setores do Projeto se concentraram na navegação. Inclusive a Comunicação, que não pôde dar o apoio necessário. “A cada FestiVelhas eu ficava preocupada. Muitas pessoas não ficaram sabendo”, conta.

Para o coordenador do Projeto Manuelzão, Marcus Vinícius Polignano, os FestiVelhas fizeram parte da construção da Expedi-

ção e tanto a Equipe Água quanto a Equipe Terra estiveram presentes nos Festivais, participando dos eventos e dos debates. “Não houve um olhar maior para essa ou para aquela equipe. É lógico que como o objetivo comum é a volta do peixe, ele ficou mais simbolizado na Expedição”, explica.

Produzir um festival não é tarefa fácil. Às vezes é preciso um batalhão. No caso dos FestiVelhas, um exército de dois homens teve que dar conta do recado. Fechar programação, ligar para os artistas, confirmar a presença, arrumar transporte, fazer divulgação, balanço do FestiVelhas anterior. Ainda tive coragem de perguntar: “Vocês tiveram algum problema operacional?” Danielle respondeu após longa respiração: “muitos. Não tínhamos recursos financeiros, veículos de acordo com a demanda, funcionários”.

Do primeiro FestiVelhas, em 2005, até os de 2009, muita coisa melhorou. O gestor cultural da Cria Cultura, Kuru Lima, lembra que durante a produção do primeiro FestiVelhas em Morro da Garça, por falta de

dinheiro, as questões técnicas foram deixadas de lado. “A gente não pode pensar que os artistas podem vir se apresentar de qualquer jeito. Seja lá qual for a manifestação, é feio a gente mostrar as coisas com baixa qualidade”, explica. Bom, dessa vez, o operador do som arrancou elogios de vários artistas.

Kuru conta que algumas pessoas do Projeto, no primeiro FestiVelhas, achavam que para se apresentar, os artistas tinham que falar de rio, natureza. “Eu tive que derubar isso. Isso não é cultura popular, é dirigismo cultural”, comenta. E mesmo que agora os artistas, durante as entrevistas para a equipe de Comunicação, falassem da necessidade de preservação do rio, nas apresentações eles tiveram liberdade. Para o compositor Tinga das Gerais, o que difere o FestiVelhas dos demais Festivais é a liberdade. “O artista não vai fazer nada mais do que apresentar o que ele já sabe. No FestiVelhas vocês nos deixam à vontade. Estão lá para conhecer nossa cultura”, explica.

O Grupo Meninas de Sinhá foi atração do primeiro dia do FestiVelhas em Belo Horizonte



FOTO: PAMILLA VILAS BOAS

## Unidos venceremos

Um dos grandes objetivos dos festivais de cultura popular é promover a interação entre os artistas. Para Kuru, é muito importante propiciar momentos de troca de experiências para que “um perceba no outro a sua identidade enquanto grupo representativo de sua região”. Por isso, é interessante que o artista não se restrinja ao seu show e assista à programação. Uma das estratégias, para Kuru, é fazer com que possam conviver para dormir, almoçar e, dependendo do evento, ter um momento de reflexão.

A integrante do grupo “Meninas de Sinhá”, Valdete da Silva, assistiu a vários shows. Elas se apresentaram em Belo Horizonte, mas Valdete fez questão de ir ao FestiVelhas em Barra do Guaicuí. “Deu para a gente ver teatro, grupos culturais. Uma mistura maravilhosa”, recorda.

A cultura popular não é estanque. Não existe para ficar parada no tempo. Essa interação proporciona também renovação. Propicia a inserção de novos elementos.

E não só ela que sofre interferência, outras formas artísticas também incorporam elementos da cultura popular. A peça “Sonho de uma noite de São João”, uma adaptação da peça “Sonho de uma noite de verão” de Shakespeare, trouxe várias influências da cultura popular. A atriz Mariana Arrudas explica que o cabeçudo, boneco que representava o escritor na peça, é típico das festas de bois de Belém do Pará. O cenário retratava as festas juninas e durante o texto os atores brincaram com referências a comidas típicas. O grupo Mocambo Rico, que se apresentou no FestiVelhas em Ouro Preto, misturou batidas eletrônicas, maracatu e afoxé.

Kuru acredita que “é preciso conhecer para amar, amar para defender e defender para preservar as manifestações”. E respeitar a dinâmica dos artistas. “Quase não tem separação da vida dele com a sua manifestação. Às vezes você está lidando com o sagrado”, avalia. ♦

# Histórias de um Rio

## PESSOAS QUE DÃO VIDA À BACIA DO VELHAS

Ao longo do Rio das Velhas percebemos que sua história se confunde com as biografias dos moradores da bacia. A cada cidade encontramos personagens dessa história. Cada um, a sua maneira, ajuda a preservar não só o rio, mas a cultura dessa bacia. Algumas dessas histórias foram contadas nos 30 dias de expedição. E uma coletânea delas se apresenta nestas páginas.



FOTO: HUMBERTO SANTOS

Elton Barcelos,  
de Funilândia

### DE ALMA E CORPO

“Funcionário de prefeitura que trabalha com meio ambiente tem que ser de verdade, não de cargo. Às vezes é só de nome e não resolve nada”, conta Elton Barcelos, diretor de urbanização e agricultura da prefeitura de Funilândia. E ele entrou na vida pública e, na área de meio ambiente, por convite. Trabalhador rural, encarava a labuta diária de uma fazenda até ser convidado a trabalhar na prefeitura junto à vigilância sanitária.

Com o tempo, funcionários da Emater solicitaram que ele trabalhasse na área de agricultura. Se define como “ambientalista doente” e ainda diz: “hoje tudo é meio ambiente e política”.

Ele conheceu o Manuelzão por meio das visitas dos professores do Internato Rural e foi se engajando. A ponto de, na primeira Expedição, ser convidado a compor a equipe de apoio, trabalhando no trecho de Funilândia até Barra do Guaicuí

Mas ele passou por um momento difícil e pensou até mesmo que já tinha dado sua contribuição ao mundo. Em 2006, num acidente, perdeu o braço esquerdo. Com o apoio da família e dos amigos que fez no Manuelzão, continuou trabalhando. “Trabalho muito e fico feliz em saber que o que estou fazendo será bom para a comunidade. Meu grande sonho é ver o Rio das Velhas despoluído”, conta.

### DA ESCOLA ÀS RUAS

Crianças e adultos. Enquanto entrevista-va Nilza Ferreira, não passava cinco minutos sem que alguém acenasse pra ela. Na Quinta do Sumidouro, é conhecida por ser diretora da escola estadual do distrito. Ex-moradora da capital, conta que prefere a tranquilidade do interior à correria da cidade grande. “Aqui não tenho medo de sair de casa”, comenta.

Nilza não se preocupa só com os alunos. Ela representa a escola no Conselho Consultivo do Parque do Sumidouro. Lã, sua principal reivindicação foi o esclarecimento da comunidade. “Por mais que tenham informações, os moradores ainda tem dúvidas”, aponta.

Outro orgulho de Nilza são as visitas ilustres que o distrito recebe. “Já recebemos cónsul, embaixador e pesquisadores”, lembra. Para ela, é um prazer auxiliar essas pessoas. “Muitos deles se tornaram meus amigos”, conta emocionada.

Mas seus olhos brilham mesmo quando fala dos 30 anos de trabalho na educação. Nilza sorri ao se recordar de quando era menina. “O inspetor precisava me puxar pela orelha para ir estudar”. E como ela explica essa paixão pelas salas de aula? “Não sei. Todos os dias vou para a escola como se fosse para uma festa”. Está explicado.

Nilza Ferreira,  
de Quinta do Sumidouro

FOTO: VICTOR VIEIRA



Maria de Fátima,  
de Raposos

### CATANDO VIDA

Tudo passa rápido. Maria de Fátima trabalha com suas quatro companheiras. No galpão apertado, uma porta aberta. Pilhas de papel, metais e outros objetos. Coisas que, com seu trabalho, não vão para o lixo.

Começou menina. Com sete anos já juntava vidro quebrado, que vendia para ser colocado no alto de muros. O pai não gostava da ideia, mas aí apareceu um amigo dele que mexia com reciclagem. Conversa vai... e convenceu o pai a deixar a filha trabalhar. Ela não parou mais, chegou até a trabalhar um tempo em São Paulo

como assistente de enfermagem. Mas acabou voltando para Raposos e ao trabalho com resíduos sólidos. “Raposos é bom demais. O povo respeita muito a gente”.

No começo ela separava o material em casa mesmo. Agora aluga um galpão. Viver com aquilo que a gente chama de lixo, é que tem a maior importância para Maria de Fátima. “A gente precisa do nosso dinheiro, mas a saúde do planeta não tem coisa que pague”, diz com os olhos brilhando e o sorriso no rosto.

### UMA VIDA

“O Manuelzão é feito por pessoas e, quando ninguém se preocupava com tratamento de esgoto em Curvelo, ela começou a discutir”. É o que conta Marcus Vinicius Polignano, na homenagem do Projeto a Efigênia Alves Pereira Guerra. Moradora de Curvelo é professora na Escola Estadual Bolívar de Freitas.

Sua amiga e companheira de trabalho, Terezinha Diniz, conta que Dona Efigênia trabalhava na revitalização do Córrego Santo Antônio, que recebe o esgoto da cida-

de. Um dos canoístas, Rafael Bernardes, relata que ela replantava a mata ciliar com seus alunos, depois fazia o monitoramento. Ele lembra que, ao seu lado, sempre estava o marido, seu Altamir.

Aos 66 anos, a professora não atua mais. Com saúde frágil, seu estado se agravou com uma queda no Festi-Velhas Jequitibá, em 2007. Recentemente foi vítima de um derrame cerebral, mas sua trajetória inspira muitas pessoas.

### UM LUGAR EM VERSOS

“O Cipó é rio, é mato, é serra. Fauna e flora. Natureza. É uma riqueza de topete. É cafundó. É o Cipó”. Os versos são do poema “Balanço do Cipó”. O autor é José Geraldo Vale, Zé Geraldo, Poetinha de Pirapamina. Ou apenas, Zé Poeta. Tantos nomes para identificar uma pessoa. Tipo quase indecifrável que se considera semi-analfabeto. E não diz o porquê.

Zé Geraldo é de poucas palavras quando entrevistado. Mas de grandes versos quando coloca no papel aquilo que vê e sente. Produtor rural, mora às margens do rio Cipó, no distrito de Fechados. Começou a escrever há 10 anos,

durante os deveres de literatura. O tema, ou talvez sua preocupação principal é, segundo ele mesmo, a natureza, as coisas do sertão, as pessoas. “Já tenho 46 anos. E nesse período fui vendo as pessoas indo embora, a caça e a pesca predatória e o rio diminuindo”.

Além de poeta, membro do Clube de Letras de Sete lagoas e produtor rural, ele ainda organiza uma caminhada, chamada “Grupo Marcha Lenta”. O grupo vai de Fechados à Conceição do Mato Dentro, “deliciando a Serra e recolhendo o lixo”. É uma forma de preservar aquilo que serve de inspiração para Zé Poeta.



Zé Geraldo,  
de Fechados

### A MULHER E O RIO

Nascida e criada à beira do Velhas. Já lavou roupa em suas águas, hoje é pescadora. A vida de Zélia Aparecida Viana, moradora de Barra do Guaicuí, sempre esteve ligada ao rio.

Aos 41 anos de idade, só descobriu a pesca aos 23. “Meu marido é pescador, e foi ele que me levou para pescar”. Zélia conta que até cinco anos atrás viviam só da pesca, mas que agora não é mais possível. “O mercado está em crise”, explica. Ela continua a trabalhar com o pescado, mas seu marido só nas horas vagas.

O Projeto Manuelzão, ela conheceu na primeira Expedição, em 2003. Ela conta que quando ficou sabendo resolveu ajudar, mas que foi pouco. “Foi nesse ano que trabalhei pra valer”, ressalta. Presidente do Conselho de Desenvolvimento de Barra do Guaicuí, Zélia foi a responsável por organizar a barqueada que marcou a chegada dos canoístas ao distrito. “Foram 30 barcos que participaram. Foi muito lindo ver aqueles barcos todos no rio. Nossa, foi emocionante demais. Se tiver mais uma, participo de novo”.

**Além de garantir a sua água,  
a Copasa está trabalhando  
para garantir a vida nos rios de Minas.**



Quando se fala na Copasa, a gente logo pensa na água pura e saudável que chega todos os dias na nossa casa. Mas o trabalho da Copasa vai muito além disso. A Copasa preserva mais de 24 mil hectares de matas que protegem as nascentes e mananciais, pois eles são a principal fonte de abastecimento das nossas cidades. E depois que você utiliza a água, a Copasa ainda se preocupa com o tratamento dos esgotos.

Só para você ter idéia, as Estações de Tratamento de Esgoto do Arrudas e do Onça estão ajudando a trazer a vida de volta ao Rio das Velhas e conseqüentemente ao Rio São Francisco. Além disso, a Copasa já opera 16 Estações de Tratamento de Esgoto nas cidades que fazem parte da bacia do Rio das Velhas. O objetivo é cumprir a Meta 2010, idealizada pelo Projeto Manuelzão, e abraçada pelo Governo de Minas,

que prevê a navegação, a pesca e a natação no Rio das Velhas a partir de 2010. São obras como essas que estão ajudando na preservação dos nossos maiores patrimônios: os rios de Minas. Mas você também precisa fazer a sua parte. Utilizar água com responsabilidade é a única forma de garantir o nosso futuro. Aprenda a respeitar a natureza. Por que quem preserva o meio ambiente preserva a própria vida.